

# PREÇO DA HONRA DO CONQUISTADOR SEM ESCRÚPULOS

Peça teatral de autoria de Expedycto Lyma

Um drama em seis atos, quatro personagens e um ponta

## PERSONAGENS

Sérgio	Wilma
Lúcia	O Menino (pontinha)
Luciano	

## TÉCNICOS:

Ponto	Montagem
Direção	2 atores e 2 atrizes
Maquiagem	
Cenarização	

## ESCALAS PARA OS CENÁRIOS E MONTAGENS

1º ato – Cenário do interior de um escritório de Luciano. Tendo, um telefone sobre a mesa e umas cadeiras, imitação de algum cofre, tudo que se pareça com a prefeitura etc.

2º ato – O interior da casa de Lúcia, ela usará neste ato: xícara e colherzinha, bandeja etc. sofá ou cadeira, mesa etc. Também caneta e papel com envelope para carta.

3º ato – Cenário de uma paisagem com uma construção abandonada, imitação de bancos de pedra, será usado cesto, bandeja, sanduíches, garrafas de vinho etc... tudo para piquenique.

4º ato – O mesmo do 2º ato, sendo que ela encontra neste ato a foto de Wilma. Neste cenário existem 2 portas, a da saída e entrada, e a do quarto, e também neste ato que ela se machuca, o sangue de seu braço é preciso aparecer.

5º ato – O mesmo, que o 4º e 2º ato.

6º ato – O mesmo cenário do 1º ato importantíssima a cena do sangue e a expressão da moça, de todos em fim. A bofetada também.

## ESCALAS DE TRABALHO PARA OS SEGUINTE ATOS

1º ato – Luciano, Lúcia, Sérgio.

2º ato – Lúcia, Luciano, Sérgio.

3º ato – Luciano, Lúcia, Sérgio.

4º ato – Lúcia, menino, Sérgio.

5º ato – Lúcia, Sérgio, Luciano.

6º ato – Luciano, Wilma, Sérgio, Lúcia.

## MAQUILAGEM

Luciano — Prefeito do lugar 30 ou 35 anos trajado de terno gravata estilo cínico, malandro e conquistador usará uma pistola que mostra a Lucia no 3º ato.

Sérgio — O galã da peça, trajado com roupa de forasteiro usando um revólver na cinta e uma faca.

Lúcia — A moça da peça, uma jovem mais ou menos 22 anos, professorinha ingênua tendo sempre consigo a bolsa.

Wilma — A ex professora mais ou menos 25 anos tendo uma bolsa com um revólver dentro que usará no ato final.

## TRUQUES

No 1º ato o telefone tocará.

No quarto ato Sengio terá de trazer todos apetrechos de pronto socorro. A moça tem que encontrar a foto caída quase na porta.

A carta tem que ser lida em voz alta, terá de dar gorjeta ao garoto, que sai contente.

No 6º ato Wilma tira o revólver da bolsa e depois das conversas acima o gatilho produzindo um tiro de espoleta.

NESTA PEÇA NÃO SE USARÁ ARMAS DE FOGO VERDADEIRAS E SIM REVÓLVORES DA ESTRELA, A FIM DE EVITAR GRAVES ACIDENTES.

**1º ATO**

EM CENA, LUCIANO

Luciano — É boa a vida... Quem diz que não é, mente. Mente mesmo. Eu me sinto como um dono disso aqui. Apesar das minhas responsabilidades, me sinto feliz como prefeito desta pacata cidadezinha. É pequeno o lugarejo, sem dúvida, mas é um patrimônio que vai ficar nas lembranças de um prefeito como eu. [SOLTA UMA RISADA] Bem vamos sentar um pouco para verificar os arquivos. Um prefeito além de aventuras tem também o trabalho em primeiro lugar. [E SENTA VERIFICANDO UNS PAPÉIS QUANDO BATEM À PORTA. É LÚCIA] Pode entrar, quem seja.

LÚCIA ENTRA EM CENA.

Lúcia — Boa tarde, senhor prefeito.

Luciano — Boa tarde, senhorita... [E LEVANTA]

Lúcia — Me chamo Lucia, sou a nova professora.

Luciano — Não a esperava aqui tão cedo! Ainda faltam mais de vinte dias para iniciar as aulas!

Lúcia — Eu sei, mas achei que assim terei bastante tempo para me ambientar, e além disso...

Luciano — Pode falar francamente. Além disso?

Lúcia — Sabe, é por uma razão de economia. Na cidade eu precisava pagar o quarto da pensão, enquanto que aqui...

Luciano — É... já sei, aqui tem direito a alojamento grátis. Compreendo sim, muito bem.

Lúcia — Não achei que cometesse um abuso chegar muito adiantada. Mas se for assim, posso...

Luciano [SORRI] — Oh! Nem pense nisso, o alojamento está inteiramente ao seu dispor, e pode ocupá-lo desde o instante em que quiser.

Lúcia — Fico-lhe grata, senhor prefeito.

Luciano — Meu secretário irá acompanhá-la até lá A senhorita não vá pensar que é uma mansão. Temos poucos cômodos, tendo o que é preciso...

Lúcia — Para mim estará muito bom. Sempre será melhor do que na pensão onde eu morava.

Luciano — É... permita-me que examine seus documentos. Não me leve a mal, mas é minha obrigação de prefeito, senhorita.

Lúcia — Sim... sim pois não.

A MOÇA ABRE A BOLSA E ENTREGA AS CREDENCIAIS. ELE OLHANDO DIZ...

Luciano — Professora Lúcia de Campos, nascida em 19 de novembro de 1948. Então a senhorita é órfã de pai...

Lúcia — E de mãe também, senhor prefeito. Meus pais faleceram com pouca diferença um do outro, quando eu tinha 9 anos.

Luciano — Imagino eu que a senhorita tenha alguns parentes.

MEIO ABALADA ELA RESPONDE.

Lúcia — Sim, mas muito distante. Automaticamente é como se eu fosse sozinha. ELE ENTREGA OS DOCUMENTOS”

Luciano — Coisa triste a solidão. E aqui nessa cidadezinha não creio que tenha chance de fazer muitas amizades. Lamento ter de lhe dizer isso logo eu que sou o prefeito, mas o povo daqui é gente mesquinha, fechada, que não se une aos de fora.

Lúcia — Não tem importância. Já ficarei contente se conseguir afeição com meus alunos!

Luciano — Perdoe por tê-la desencorajado, mas é meu dever mostrar-lhe as perspectivas do ambiente em que deverá viver e trabalhar. Pode ficar ali na sala de espera, meu secretário já a levará em seu alojamento.

Lúcia — Está bem... até logo...

LÚCIA VAI PRA SAIR QUANDO LUCIANO RETÉM DIZENDO...

Luciano — Senhorita Lucia!

Lúcia — Sim?

Luciano — Se precisar de qualquer coisa, pode recorrer a mim, sem fazer cerimônia! Será um prazer, ficar a sua disposição.

Lucia — Obrigada sr. prefeito, pela sua gentileza.

Luciano — Não se trata de gentileza, no caso. Isto também faz parte das minhas obrigações. E agora pode ir. Não a prendo mais. [LUCIA SAI DE CENA. LUCIANO FICA A SÓS, ACENDE UM CIGARRO E À PARTE DIZ] Muito linda, esta nova professora. [COM UM GESTO] Bonitinha e medrosa como um pássaro [DANDO UMA GARGALHADA CÍNICA ELE DIZ] Será a próxima a cair no laço, sem dúvida. [OUTRA GARGALHADA. NISSO O TELEFONE TOCA. ELE VAI ATENDER]

É engraçado, ninguém me telefona quase... Quem será desta vez? Alô... Sim é... [ELE DIZ À PARTE] Eu já estava desconfiado que esse telefonema era interurbano... Hein? Se é o prefeito? Não é, senhorita, é o secretário dele... O sr. Luciano está viajando... Poderei dar o recado, se não faz questão. Por um obséquio...

quem é a senhorita? Ah, sei... a dona Wilma... a professora... Está bem. Não se preocupe, o seu pedido será atendido. [DESLIGA O FONE À PARTE DIZ...] Não sou idiota, é claro... Um interurbano, inesperadamente... Só podia ser ela..

NISSO ENTRA EM CENA SÉRGIO CINICAMENTE.

Sérgio — Olá...

ASSUSTANDO LUCIANO.

Luciano — Você aqui?!

Sérgio — Hu...hu...

Luciano — Posso saber quem é que o autorizou a entrar sem ser chamado?

Sérgio — Ninguém...

Luciano — Pois então, saia. Saia já daqui...

Sérgio — Veja lá como me trata. Não sou um cão.

Luciano — Mas entrou aqui como se fosse.

Sérgio — É claro... Se pedisse permissão, tenho a certeza absoluta de que seria recusado.

Luciano — Você é um criminoso.

Sérgio — Pense o que quiser, vamos ao assunto mais importante. É pena, que não tenho tempo de discutir agora esse assunto.

Luciano — Pois bem... O que queres, então?

Sérgio — O senhor é o único que tem um carro... É urgente... O velho Fermino, precisa destes remédios...

LUCIANO DÁ UMA GARGALHADA E...

Luciano — O senhor não acha que está indo longe... com essa mania sua de curandeiro?...

Sérgio — Talvez um dia você também precise de minha cura... Pra você, eu tenho um remédio especial...

Luciano — O que você está insinuando?

Sérgio — Não se esqueça... O remédio para o velho.

Luciano — Fique sabendo que não tenho tempo agora... E depois outra coisa... Não vá pensar que eu acredito em suas tolas receitas...

Sérgio — Acho que como prefeito deveria ir... Seria um belo passo em sua carreira para alertá-lo nas suas ideias políticas. O povo é ralé, talvez eleja-o novamente, nas próximas eleições.

Luciano — Você é perito nas coisas, rapaz... Não sei o que pretende aqui neste lugar...

Sergio — Saberá um dia, não se preocupe...Adeus...

E SÉRGIO SAI DE CENA.

Luciano [À PARTE] — Rapaz inteligente... Ele está tramando alguma coisa aqui... Eu como prefeito deveria expulsá-lo daqui... Sérgio é perito em certos assuntos. Eu preciso me livrar dele...Esse indivíduo poderá me arruinar um dia... Deve-me odiar, sem dúvida, pois eu tentei prejudicá-lo uma vez. [E DÁ UMA GARGALHADA] É... não tem nada... Ele terá de me respeitar. Sabe muito bem que não pode levantar a voz comigo, que sou justamente o prefeito da cidadezinha. [OUTRA GARGALHADA] Com certeza também sabe que eu faço e desfaço ao mesmo tempo...Bem... hoje não digo, porque estou exausto, mas amanhã irei visitar a nova professora, em sua residência nova... À noite, lógico... A noite sempre foi mais agradável do que o dia para certos encontros [SOLTANDO UMA RISADA]

**PANO**

**FIM DO 1º ATO**

**2º ATO**

Narração (Prólogo) — O dia terminou assim quente e romântico para Luciano. No dia seguinte sentiu-se muito solitário, pois nem uma viva alma não o procurou.

Vejamos sua distração a noite, no 2º ato da peça.

EM CENA LÚCIA, ESCRREVENDO A CARTA PENSANDO

Lúcia — Tenha coragem, Gervásio. Hão de passar também estes dias amargos, e logo tornaremos a ficar juntos...[E ESCRVE UM POUCO DIZENDO] Pronto, agora é só sobrescritar o envelope e... [NISSO BATEM NA PORTA. ASSUSTADA ELA] ... Quem pode ser a esta hora? [ABRE E FICA PERPLEXA] O senhor prefeito!...

LUCIANO ENTRA EM CENA

Luciano — Boa noite, senhorita Lúcia. Espero não ser um intruso!

ELA SE ASSUSTA UM POUCO

Lúcia — Não, não, nada disso. Pode entrar!

Luciano — Ia passando por estes lados e lembrei-me de entrar para que me oferecesse um café, fiz mal?

Lúcia — Qual nada! Já lhe preparo o café, um momento!

E VAI PRA SAIR QUANDO.

Luciano — Mas... que é isto? Temos tempo! Deixe para mais tarde, a não ser que tenha muita pressa em despedir-me!

Lúcia — Por que o despediria? Fiquei um pouco surpreendida, isso eu confesso, mas...

Luciano — Surpreendida e acanhada, talvez, eu tenha chegado num momento pouco oportuno...SE DIRIGINDO PARA UMA MESA] Noto que escrevia uma carta

Lúcia [ACANHADA] — Já terminei!

Luciano — Segredos sentimentais, cálculo.

Lúcia — Não, está enganado...

Luciano — Custa-me crer. Será que uma pequena tão interessante não tem o seu segredinho?

Lúcia — Pode crer que não, senhor prefeito.

Luciano — Senhorita, Lúcia, porque tanta cerimônia? Porque não me chama simplesmente de Luciano?

E DÁ UMA RISADINHA

Lúcia — Posso tomar essa liberdade?

Luciano — Claro que pode!

Lúcia — Não. No máximo eu o chamarei de senhor Luciano.

Luciano — Já é alguma coisa. Depois, com o tempo, o “senhor” também desaparecerá, e verá em mim um amigo. [CHEGANDO PERTO DE LÚCIA] O companheiro das suas horas de solidão...

LÚCIA SE AFASTA.

Lucia — Vou fazer o café

LUCIA SAI DE CENA PELO LADO. LUCIANO CHEGA PERTO A MESA ONDE ESTÁ O ENVELOPE E APANHA-O DIZENDO À PARTE

Luciano — Mas...isso... É bom que eu saiba! [PÕE SOBRE A MESA NOVAMENTE E VOLTANDO-SE SENTA NUMA CADEIRA] Ela é adorável... Será minha... Eu não posso perdê-la... Aí vem ela com o delicioso cafezinho... Sim delicioso porque foi ela quem o preparou.

LUCIA ENTRA EM CENA

Lúcia — Pronto o café. Espero que esteja bom.

Luciano — Se foi preparado com suas mãos, só pode estar delicioso.

APANHANDO O AÇUCAREIRO

Lúcia — Quanto de açúcar?

Luciano — Nada de açúcar. Eu não acompanho o provérbio. [E RI UM POUCO]

Lúcia — Qual provérbio?

Luciano — Não conhece? “Doce o café, amarga as mulheres.” É um jogo de frases bem cretino, não acha?

Lúcia — Sim, e vulgar também...

Luciano — Distante de mim a ideia de lhe dizer coisas vulgares. Creio que já a conheço bem, Lúcia. Aliás, basta se olhar aqui em volta para se compreender a sua personalidade: em dois dias fez deste cômodo um ambiente gracioso e singelo. Nem parece mais a mesma casa!

Lúcia — Já estive aqui outras vezes? [LUCIANO FAZ QUE SE IMPORTOU E DISSOLVE O CAFÉ.] Vai ver que fui indiscreta, não?

LEVANTA-SE

Luciano — Por que indiscreta? Sim, estive aqui uma vez, no começo do verão, para examinar o estado em que a outra professora deixou a casa! Era uma pequena inspeção que fazia parte de minhas obrigações de prefeito.



Lúcia — Fiz-lhe uma pergunta tola e inútil.

Luciano — Não, é uma curiosidade feminina compreensível. E você é feminina em toda a extensão da palavra. [COM ROMANTISMO]

Lúcia — Vamos recomeçar os cumprimentos, sr. Luciano?

Luciano — Não falo mais do que a verdade! E a senhorita aprecia a verdade, tanto quanto eu... neste ponto sempre estaremos de acordo!

Lúcia — Faço voto que sim!

Luciano — Sejamos amigos então. [ESTENDENDO A MÃO] E agora, um aperto de mão, para selar nosso pacto.

Lúcia — E para desejarmos boa noite, porque é muito tarde. Perdi meu relógio, hoje, é mais de 11hs.

Luciano — Confesso que foi umas horas deliciosas, que passei em sua companhia. Quisera prolongá-la durante horas e horas, mas obedeço ao seu convite e me retiro. Boa noite, Lúcia.

LUCIANO ABRE A PORTA.

Lúcia: Vou levá-lo até o portão do jardim, para fechá-lo. O Sr. Luciano, que perfume é esse que resplandece no ar?

Luciano — Essa é a dádiva da noite, só a noite que tem esse aroma de flores. A noite escolhe estes momentos para dizer-nos que a natureza é bela...

Lúcia — Poeta, sr. Luciano?

Luciano — Oh! não... apenas um homem que ama a beleza das coisas simples. Basta saber olhar...

Lúcia — Eu o acompanho até o portão...

Luciano — Oh! sim... desculpe-me...com você a gente se esquece até das horas que passam voando.

Lúcia — As horas voam? Explique-me.

Luciano — Vamos indo... Explicarei já...

E AMBOS SAEM DE CENA.

CENA VAZIA POR UM MINUTO...LOGO DEPOIS SÉRGIO ENTRA EM CENA... TRAZENDO UM RELOGINHO NA MÃO...

Sérgio — Tenho a absoluta certeza de que este relógio é dela... Um pouco tarde pra entregar, mas aposto que ficará contente... [OLHANDO EM VOLTA FALA À PARTE]

Como é lindo um lar feminino... Tudo muito bem arranjado... até as flores são

bem ajeitadas no vaso... Pra quem gosta de préstimo como eu... isto é uma maravilha... Quem será essa moça que transforma sua residência num encanto?

NISSO LUCIA ENTRA EM CENA APAVORADA.

Lúcia — Eh! Quem é o senhor, e o que faz aqui?

Sérgio — Esteja tranquila, moça... Não sou um bicho papão... Vi a luz acesa e cheguei...

Lúcia — Sabe que faz muito mal em entrar num lugar, sem pedir licença? Que pretende aqui numa hora desta? Está pensando que eu sou o que?

Sérgio — Calma, senhorita. Já vou embora... Antes queria fazer-lhe lembrar de que perdeu alguma coisa.

Lúcia — Perdi sim, mas é da minha conta, se está procurando um pretexto, desista.

Sérgio — O que a senhorita perdeu?

Lúcia — Se lhe interessa, é o meu relógio...

Sérgio — É este, senhorita?

E MOSTRA.

Lúcia — Que!... O senhor o encontrou?!... Eu cheguei a pensar que não encontraria mais.

[E APANHANDO-O DIZ] Devo-lhe um quinhão por isto.

Sérgio — Não... não me deve nada. Aí está e tome cuidado para que não aconteça isto na próxima vez... Um artigo desse vale um dinheirão.

Lúcia — Foi presente que ganhei no colégio, por ótimo comportamento...

Sérgio — Deve estimar então...

Lúcia — Sim... Diga-me seu preço e eu lhe pago...

Sérgio — Não tem preço... Fiz apenas minha obrigação... e mantive minha consciência. Até outro dia, senhorita...

Lúcia — Lúcia... Fico muito agradecida.

Sérgio — Meu nome é Sérgio.

Lucia — Prazer em conhecê-lo.

Sérgio — O prazer foi todo meu

APERTANDO AS MÃOS SÉRGIO SAI DE CENA. À PARTE...

Lúcia — Rapaz, gozado... achou um relógio e não exigiu recompensa... Entrou em meu alojamento, como se não tivesse medo de nada lhe acontecer. Se fosse um vigarista, jamais me entregaria o relógio... oh!... Quem será o desconhe-

cido? Afinal do que tenho medo? O homem estava com um revólver na cinta, de certo para se defender de algum bicho, cidade pequena é assim mesmo... se houvesse algum perigo por aqui, Luciano me teria avisado. Não tenho mais medo... Vou dormir e esquecer tudo, só lembrarei de você, Luciano...

**PANO**

**FIM DO 2º ATO**

## 3º ATO

EM CENA, LUCIANO

Luciano — E...é!... Nada como um piquenique neste adorável lugar... e ao lado de uma boneca [GARGALHADA] Já previa que ela me esperasse estes dias, talvez até com impaciência... Sim, é uma boa tática, nos tornarmos preciosos quando queremos obter um resultado seguro...[NISSO LÚCIA ENTRA EM CENA COM A BANDEJA]

Lúcia — Aqui está preparadinho da Silva, e todas Elas com mostarda...

SENTAM-SE

Luciano — Conseguiu preparar com esse vento...

Lúcia — Lá não ventou, as rochas protegiam o fogo.

Luciano — Ótimo... Um copo de vinho... [ABRINDO O VINHO SERVE-A E SE SERVE] À nossa amizade Lúcia.

Lúcia — Sim, à nossa sincera amizade...

Luciano — Que algum dia poderá se transformar em amor.

Lúcia — Óh!...

E CONTENTES COMEM E TOMAM VINHO. QUANDO LUCIA ACABA DE TOMAR O VINHO...

Luciano — Mais um pouco de vinho?

Lúcia — Não, obrigada. Já tomei um copo, e foi coisa excepcional, para mim, que não estou habituada.

ELE INSISTE COM OUTRA BEBIDA...

Luciano — Então não aceita nem um dedo de licor?

Lúcia — Seria pior ainda! Estou bem, assim. Oh... que paz, por aqui... que tranquilidade... parece um lugar encantado!

Luciano — E talvez seja! Olhando para você, qualquer um passa a acreditar nas fadas. Nas fadas das histórias da carrocinha. [CHEGANDO MAIS PERTO DIZ] É encantadora, Lúcia. [LUCIA LEVANTA-SE]Por que se distancia de mim? [E ELE LEVANTA TAMBÉM]

Lúcia — Quero dar uma voltinha. Que é isto? Parece a ruína de alguma mansão antiga!

Luciano — É verdade, há muitos anos isto foi uma mansão. Pertenceu aos meus antepassados. Antigamente, os meus eram donos de toda esta região: ricos, orgulhosos, violentos que viviam oprimindo os humildes. Todos tremiam, quando eles passavam.

Lúcia — Está sendo muito severo com seus antepassados.

CRUZANDO OS BRAÇOS ELE...

Luciano — Você que estudou, devia saber isto, antigamente os nobres eram quase todos assim!

Lúcia — Ainda bem que os tempos mudaram!

Luciano — Sim, e mudaram para melhor. Eu ainda uso o título deles e vivo naquela velha casa ali adiante. [MOSTRA COM O DEDO] mas, nos resto, não me sinto diferente da gente do povo. Para mim, nada separa um nobre de um homem comum, somos todos iguais. Quase todos os dias estamos sabendo de casamentos entre ricaço importante e moças plebeias! É justo que seja assim, porque... Quando entre um homem e uma mulher brota aquela centelha que se chama amor [CHEGANDO PERTO DE LÚCIA, QUASE ROSTO COLADO, ELE DIZ] Ai, então, existe tão somente o amor...

QUANDO VÃO SE BELJAR

SÉRGIO ENTRA EM CENA. ELES SE SOLTAM ASSUSTADOS

Sérgio — Perdão... eu não sabia...

Luciano — Que veio fazer aqui? Dê o fora!

Sergio — O campo é de todos!

E TIRA UM FACÃO DA CINTA. CÍNICO O HOMEM RESPONDE:

Luciano — Olhe que te mando prender!

Sérgio — Não fará isso, que eu sei! Não há lei nenhuma proibindo se cortar alguns gravetos para fazer fogo.

Lúcia — Vamos daqui, Luciano, vamos!

Sérgio — Não é preciso por minha causa... Já me retirarei daqui, estejam à vontade...

Lúcia — Vamos, tenho medo...

Sérgio — Não é de mim que a moça deve ter medo, Luciano. E você sabe disso! Fiquem à vontade.

E “SÉRGIO” SAI DE CENA”

Luciano — Não pense que estou com medo. Fico preocupado por sua causa.

Lúcia — Mas quem é esse homem? Vamos embora.

Luciano — Por que tem medo? Só porque ele usa um revólver e um facão? Aqui é assim mesmo. Usar arma em lugarejo, perto do sertão, é comum... Também tenho um, veja...

E TIRA DO BOLSO UMA PISTOLA.

Lúcia — Oh!...

ELE GUARDA O REVÓLVER...

Luciano — Então, sente melhor?

Lúcia — Sem, mas que susto levei! O homem apareceu tão de repente! Com aquele rosto fechado e com aqueles olhos gelados, ameaçadores!

Luciano — Ele aparece sempre assim. Devo deduzir que já o viu outras vezes?

Lúcia — Sim, eu o vi uma vez, na noite em que o deixei no portão.

Luciano — E não me disse nada, hein?

Lúcia — Não me pareceu ser o, o caso de lhe falar: pensei que ele fosse um forasteiro qualquer...

Luciano — Forasteiro? Não, é uma coisa bem diferente, e pior! É um assassino!

Lúcia — Não me diga! [ASSUSTADA]

Luciano — Digo a verdade! É um criminoso, que já matou uma pessoa!

Lúcia — E... continua solto? Porque não o prenderam?

ELE SAI ADIANTE E DIZ...

Luciano — Foi preso, sim, e processado... mas depois absolvido. Os jurados não entraram num acordo sobre o veredicto da culpabilidade. [DANDO UM SORRISO] Havia três mulheres no júri: três exemplares típicos de solteironas de coração mole e Sérgio é um rapaz bonito... talvez isso explique o fato dele ter sido absolvido.

Lúcia — Acho uma explicação muito simples demais... [VOLTANDO-SE]

Luciano — Acha então que ele era inocente?

Lúcia — Como posso achar uma coisa ou outra, se não sei como se deram os fatos?

Luciano — Eu lhe explico em poucas palavras. É justo que você também conheça toda a infâmia de Sérgio de Arruda. Ele apareceu aqui há alguns anos. Ninguém sabia quem era, nem de onde vinha. Sempre sombrio, esquivo, se instalou num barracão desmantelado na beira do rio, como um lobo solitário no covil. Não aborrecia ninguém, e aos poucos o pessoal começou a ignorá-lo. Depois, um dia, ele não ficou mais sozinho. Aqui no patrimônio havia uma moça, filha de ninguém, que vivia de esmolas. Chamava-se Rosa, e era uma pobre retardada mental!

Lúcia — Quer dizer que era demente?

Luciano — Não. Tinha uma inteligência retardada, uma mentalidade infantil. E assim apesar de ter seus 18 anos, se comportava e raciocinava como uma criança. Era linda como uma flor... Sérgio levou-a para o barraco dele e fez dela sua amante. Agora você se perguntará: porque os da pacata cidadezinha toleraram isso? Ninguém imaginou que houvesse um canalha capaz de abusar daquela coitada desamparada!

Lúcia — Que coisa horrível!

Luciano — Quando souberam da verdade era tarde: um dia Rosa e Sérgio foram vistos de longe, brigando na beira do rio. Ela se debatia e arranhou o rosto dele, gritando. E ele... A empurrou para dentro do rio.

Lúcia — Que horror!

Luciano — Depois, fizeram a autópsia do cadáver e se descobriu que Rosa estava grávida de três meses: Foi uma vergonha que se soube tarde demais.

Lúcia — Deus do céu! E um patife desses foi absolvido!

Luciano — Absolvido pela lei, mais condenado pela sua infâmia. Para todos, aqui na cidade, ele é um assassino!

Lúcia — Queria saber como ele teve coragem de voltar para aqui! Porque não foi para outro lado?

Luciano — Talvez para desafiar-nos... ou talvez pensando amedrontar o homem que ele odeia ferozmente. O homem que foi seu acusador implacável no processo, lutando por todos os modos para que ele fosse condenado.

Lúcia — E esse homem, foi...

Luciano — Você já compreendeu: fui eu esse homem.

Lúcia — E você não tem medo? Não faz nada para impedir uma vingança da parte dele?

Luciano — Não se preocupe. No dia em que Sérgio ousar algo contra mim, esse será um dia muito triste para ele. Mas para que falarmos, de algo que a perturba? Sente-se [SENTA-SE] aqui ao meu lado, e conversamos sobre assuntos mais agradáveis.

Lúcia — Não, Luciano. Você disse bem: estou perturbada, e quero voltar para minha casa.

Luciano — Ainda não conheceu minha residência!

Lúcia — Não insista, por favor.

Luciano — Então vamos embora, tomarei café com você hoje à noite.

Lúcia — Será melhor não ir. O dia foi muito movimentado hoje, e quero ir

dormir cedo.

Luciano — Será coisa de poucos minutos, Lúcia!

Lúcia — Está bem. Não quero ser grosseira: apenas o tempo de tomar uma xícara de café, e logo nos despedirmos, sim

CHACOALHANDO OS OMBROS.

Luciano — Como queira, Lúcia...

Lúcia — Vamos, Luciano...

Luciano — Já que não quer conhecer minha casa, não insisto, então vamos...

Lúcia — Na próxima vez, sim...

BEM À PARTE, AFASTADÍSSIMO DE LÚCIA ELE DIZ

Luciano — Pouco minutos para começar. Depois... atrás de um cafezinho pode vir muita coisa...

E DÁ UMA GARGALHADA. E COM ESSA GARGALHADA, ENCERRA O ATO

**PANO**

**FIM DO 3<sup>o</sup> ATO**



**4º ATO**

EM CENA LÚCIA, PENSATIVA

Lúcia — Eu já estava transtornada com o relato de todas aquelas coisas horríveis que me contou, e sem mais aquela, ele me propôs falarmos de coisas agradáveis... Talvez eu o julguei mal, e ele quisesse apenas ver-me tranquilo, mas...tenho a impressão de que não foi bem isso. Desde a primeira noite e ainda hoje no campo... ele não perde oportunidade de tentar abraçar-me, inclusive em momentos bem pouco oportunos! Parece que seu único objetivo é esse... [NISSO BATEM À PORTA]

Vou tentar mandá-lo embora, se for ele...[MAS QUANDO ABRE A PORTA É UM GAROTO SEGURANDO UMA MENSAGEM. ASSUSTADA LÚCIA] Que!? Gervásio, meu irmão. Deixe-me ver... [PEGANDO O BILHETE LÊ] “Querida, mana... Por estes dias estarei aí contigo... Não diga nada a ninguém desse bilhete”. Sabe onde está? [O MENINO NÃO RESPONDE] Já sei, compreendo... Obrigado sim...[ O MENINO FAZ UM GESTO COM A MÃO COMO QUEM QUER DINHEIRO] Ah, sim...quer uma gorjeta pela informação [ELA APANHA UMA NOTA E DÁ AO MENINO] Tome...qualquer notícia, me procure...[E O MENINO SAI DE CENA CORRENDO] Parece incrível... Gervásio está em liberdade... mas ainda não venceu o seu tempo... Será que é verdade daquele garoto? Não...ele não tem cara de mentiroso. [NISSO BATEM NA PORTA] Quem será agora? Deve ser o prefeito. Vou mandá-lo embora o mais depressa possível, sem me mostrar indelicada.

ELA VAI ABRIR A PORTA E LEVA UM SUSTO. SERGIO ENTRA EM CENA”

Sérgio — Boa noite...

Lúcia — O senhor?! Vá embora, por favor! Se não eu peço socorro!

Sérgio — Não é preciso se assustar assim! Já lhe disse aquele dia: não é de mim que deve ter medo.

Lúcia — Não me interessa o que o senhor disse. Quero que saia, e depressa!

Sérgio — Está esperando alguém? [E OLHA AO LADO] Uma pequena recepção em homenagem ao senhor prefeito?

Lúcia — Não é da sua conta.

Sérgio — Está enganada. Tudo o que se refere àquele homem, é da minha conta.

Lúcia — E veio aqui para enfrentá-lo? Não podia escolher outro lugar?

Sérgio — Está me julgando mal. Não sabia que ele viria à sua casa, e quando quiser enfrentá-lo saberei escolher o lugar e hora.

Lúcia — Como deveria julgá-lo? Entra em minha casa como se fosse a sua, eu mando que vá embora e me responde com insolência... que deseja?

Sérgio — Vejo que é uma bela jovem e seria uma pena se tivesse um triste fim.

Lúcia — Isto é ameaça?!

Sérgio — Não, um conselho. Por isso vim aqui para preveni-la.

Lúcia — Contra quem?

Sérgio — Contra aquele homem.

Lúcia — Não necessito de conselhos. Sei cuidar de mim. E agora, saia!

NISSO UM BARULHO DO PORTÃO RANGE POR TRÁS DA CENA...

Sérgio — Deve ser o charlatão.

ASSUSTADA LÚCIA...

Lúcia — E agora? O que vamos fazer? Ai do senhor, se ele o encontra aqui!

Sérgio — Diga o contrário: Ai dele!

AFLITA ELA FAZ COMO QUE FECHA A PORTA A CHAVE E...

Lúcia — Fique quieto! Aí vem ele!

LUCIANO BATE NA PORTA. BATE MAIS FORTE E ELA FICA NEUTRA QUANDO SÉRGIO CHEGA BEM PERTO DELA

Sérgio — Se teme que Luciano passe um mau momento, mande-o embora!

ELA VAI ATÉ A PORTA E...

Lúcia — Luciano... desculpe, mas não posso recebê-lo. Estou indisposta, e já me deitei. Sua visita ficará para outra vez. [VOLTANDO-SE] Ele já se foi.

Sérgio — Melhor para ele... e mais ainda para a senhorita.

Lúcia [À PARTE] — Interessante... não tenho mais medo [VOLTANDO-SE] Sérgio, queria lhe dizer algo... como se fôssemos amigos

VIRANDO AS COSTAS SERGIO,,,

Sérgio — Não tenho amigos, e não vim aqui para ouvir sermões. Quis apenas lhe dar um conselho: tome distância de Luciano Menebá, enquanto é tempo. [VOLTA-SE FRENTE] Esse homem suja tudo que toca. Já estragou a vida de uma mulher, talvez de duas. E agora poderia ser a sua vez. Procure não ser a terceira. Parece-me boa pessoa, a senhorita: seria uma pena, se tivesse o fim de...

Lúcia — De quem?... se sabe alguma coisa, fale!

Sérgio — Não sei de nada de preciso; são apenas suspeitas, e não posso dizer mais do que disse. Mas repito-lhe: tome distância desse homem. Vim somente para lhe dizer isto, e não tornarei a importuná-la. [AFASTANDO-SE] Adeus...

SÉRGIO SAI DE CENA. À PARTE, LÚCIA

Lúcia — Se não quiser ter o fim de... devia se referir a tal Rosa... Luciano Menabó já arruinou a vida de uma mulher, ou talvez de duas... Será possível? Será mesmo possível? [E AO APANHAR UMA VASILHA DE UM LUGAR, SOLTA UM GRITO DE DOR, E SEGURA O BRAÇO DIZENDO] Deus do céu! Que horror! [Um truque faz sangrar] Socorro! Socorro!

SERGIO ENTRA EM CENA APRESSADO

Sérgio — O que aconteceu?...

Lúcia — Um escorpião! Mordeu-me aqui!

ELE VEM AO LADO DELA, SEGUROU-LHE O BRAÇO E...

Sérgio — Mostre-me!

EXAMINANDO O PULSO FERIDO ELE CHUPA O FERIMENTO.

Lúcia — Ai! Está doendo! Acho que vou desmaiar...

Sérgio — Vamos, para que choramingar tanto? Agora com uma aplicação de soro antiofídico, não correrá mais perigo! Sente-se aqui, e fique calma. Vou dar um pulo até meu barraco para trazer a caixa de emergência.

ELA SENTA-SE

E SÉRGIO SAI DE CENA APRESSADO DEIXANDO-A NUM SOFÁ GEMENDO DE DOR. LOGO MAIS ENTRA COM A CAIXA DE EMERGÊNCIA

Sérgio — Ótimo... pelo que vejo não chegou a desmaiar

ABRE A CAIXA E FAZ QUE APLICA UMA INJEÇÃO E FAZ UM CURATIVO RAPIDAMENTE.

Lúcia — Acho que lhe devo a vida, Sérgio!

Sérgio — Deixe de tolices.

Lúcia — Não quer mesmo que eu lhe agradeça?

Sérgio — É perfeitamente inútil! Agradecendo ou não, você ficará boa!

Lúcia — Por que é assim tão áspero? Parece que tem ódio até de si próprio!

Sérgio — Será que não pode ficar calada um instante? [APANHANDO UM COPO D'ÁGUA] Tome este copo d'água, e relaxe. [SERGIO LEVANTA-SE PÕE AS MÃOS NO BOLSO] É provável que esta noite apareça um pouco de febre. Não se preocupe. Será apenas uma reação do soro.

Lúcia — Mas fala como um médico

PENSATIVO SÉRGIO

Sérgio — Realmente, eu sou médico. Ou pelo menos era antes de ser excluído há três anos atrás. Porque me olha assim? Quer saber como foi? Muito simples:

assinei um certificado de óbito falso para minha irmã! Ela estava doente dos nervos e num momento de desespero suicidou-se com veneno. Para evitar comentários declarei que havia morrido de colapso cardíaco. Infelizmente, as autoridades judiciárias quiseram esclarecer o caso, houve perícia e a verdade foi descoberta. Por isso fui expulso da Ordem dos médicos. Satisfeita?

ELE SENTA-SE

Lúcia — Não me parece que sua culpa tenha sido tão grave, a ponto de justificar uma punição severa!

Sérgio — De fato. Recebi uma carta da Ordem dos Médicos, me sugerindo apresentar recurso, agora que decorreram três anos...

Lúcia — E por que não faz isso? Poderia recomeçar exercer sua profissão!

Sérgio — Não preciso do trabalho. Disponho de dinheiro suficiente para viver.

Lúcia — Mas não lhe interessa ao menos ser reabilitado?

ELE LEVANTA

Sérgio — Por enquanto há umas coisas mais importantes a tratar, por aqui.

Lúcia — A sua vingança?

Sérgio — Não sou homem para me vingar.

Lucia — Como define então seu ódio por Luciano?

Sérgio — A senhorita já o disse: é ódio, nada mais.

Lúcia — No fundo é injusto, porque sendo Luciano o prefeito deste lugar, era dever dele acusá-lo, já que o considerava culpado.

Sérgio — É justamente esse o ponto. Luciano sabe que eu não tenho culpa!

Lúcia — O que me está dizendo?!

Sérgio — Um dia destes, levo-a em meu barraco. Quero que conheça o quarto de Rosa.

Lúcia — Ah, a moça que...

LÚCIA LEVANTA

Sérgio — A moça que eu protegia. Era uma infeliz criatura exposta a toda sorte de perigos. Eu não podia permitir que ela continuasse a viver de esmolas, e dormir pelas estrebarias, e nos depósitos de feno. Muitas horas serenas passamos ali, juntos. Eu lhe ensinava a ler e escrever... E lhe ensinava a rezar. A mentalidade dela era infantil. Não sabia distinguir o bem do mal. Um dia... acusou certos distúrbios. Eu a examinei, e...

Estava grávida. Alguém teria abusado dela.

Lúcia — Oh Deus... que monstruosidade!

Sérgio — Foi inútil perguntar quem tinha sido. Ela não dizia, com medo. Então... e nunca me arrependerei bastante, pelo que fiz... num impulso violento, eu lhe dei uma bofetada. Ela fugiu. Eu a segui até o rio, gritando que não fizesse tolice. Consegui alcançá-la, agarrei-a, porém ela se debatia demais... soltou-se de mim, e caiu dentro d'água.

Lúcia — Oh!... Meu Deus!...

Sérgio — Mergulhei também, atrás dela... Mas tinha batido com a cabeça numa pedra, e... Queira Deus que tenha morrido sem sofrer.

Lucia — Aí o senhor foi acusado por todos...

Sérgio — Não por todos, por uma pessoa apenas: Luciano. Foi num dia de festa, que aconteceu tudo isto. Havia muita gente por aqui, e muitos presenciaram o fato, e depois testemunharam no processo. [TIRANDO DO BOLSO UM PEDAÇO DE JORNAL DIZ] Veja neste pedaço de jornal, está tudo explicado. Leia!

Lúcia — Não é preciso. Acredito no que diz.

Sérgio — Mas eu quero que saiba! Ouça o testemunho de Paulo Cesticundi, um colono: [E FAZ QUE LEIA O PEDAÇO DE JORNAL] — Eu vi Sérgio de Arruda correndo atrás de Rosa, e gritando: Não faça loucuras! Agora o testemunho de Antonio Leite, um pescador: “Eu não poderia jurar que Sergio de Arruda tenha empurrado a vítima para dentro do rio. Minha impressão é de que ela perdeu o equilíbrio e caiu”. O testemunho da senhorita Wilma dos Santos, professora: “Estávamos bem longe, mas vi quando o Sr. Sérgio mergulhou no rio. Evidentemente, queria salvar a infeliz Rosa”...

Lúcia — Para que continuar? Já disse que acredito no que disse.

Sérgio — Mas quero que ouça ainda o testemunho de Luciano. Este eu sei de cor. [E PONDO O JORNAL NO BOLSO DIZ] “Vi, sem possibilidade de equívoco, que Sérgio de Arruda empurrou Rosa para dentro do rio”. “Sem possibilidade de equívoco”. No entanto, naquele dia, ele estava passeando com a senhorita Wilma, a professorinha, e ela declarou que se encontravam bem longe do rio!

Lúcia — E agora pretende matar Luciano, por uma acusação que ele talvez tenha feito de boa fé?

Sérgio- Matá-lo seria pouco! Primeiro quero persegui-lo como uma sombra, ameaçá-lo, apavorá-lo até se ajoelhar diante de mim e confessar a verdade!

Lúcia — A verdade...

Sérgio — É claro. Mas tem de ser toda a verdade, e diante de todos! Depois, então... [DANDO UM MURRO EM CIMA DA MESA DIZ] Eu o matarei.

Lúcia — Está louco! Não pode tornar-se um criminoso!

VOLTANDO-SE ELE:

Sérgio — Como está presa a este homem!

Lúcia — Não compreende que é pelo senhor, que estou falando?! Foi absolvido de uma acusação infamante e agora pretende praticar um homicídio com a cabeça fria, uma coisa premeditada! Ficaré preso toda sua vida!

BAIXANDO A CABEÇA ELE

Sérgio — Eu sei. E isso não me importa.

Lúcia — Como pode falar assim? Não tem algum ente querido, que possa padecer as penas do inferno ao saber que o senhor está numa penitenciária?

Sérgio — Não. Ninguém vai chorar por mim.

Lúcia — Como é infeliz... já lhe disse há pouco: será que tem raiva até de si mesmo? Parece até que tem prazer em se acabar... e eu queria vê-lo sereno, confiante no futuro...

Sérgio — Sente pena de mim?

Lúcia — Minha vontade é lhe dar a mão... e ajudá-lo a viver, sinceramente.

Sérgio — Fala como se me amasse!

Lúcia — E se for assim? [ELE CHEGA BEM PERTINHO DE SEU ROSTO, FITA E A BELJA. DEPOIS SOLTA E SE AFASTA] Sérgio! Porque fez isto? [A MOÇA CHEGA MAIS PERTO E] Por que, Sérgio?

TÍMIDO SÉRGIO

Sérgio — É...não sei... Vou me embora.

Lúcia — Não o censuro, mas...

Sérgio — Não se preocupe... Vou me embora! E nunca mais aparecerei! Isto não pode acontecer. Você me amar! Oh!...

E SÉRGIO SAI DE CENA

[A SÓS, À PARTE] Lúcia — Por um instante me pareceu sentir nele uma grande necessidade de ternura, um desejo de amor sincero. Porque saiu assim tão bruscamente? “Não sei porque disse que o amava, ou dei a entender isso...

...Quem sabe se é verdade? Sim... talvez o ame!

PANO

FIM DO 4<sup>º</sup> ATO

## 5º ATO

## EM CENA LÚCIA LÊ O BILHETE OU ACABA DE LER

Lucia — Gervásio chegará hoje à noite, com certeza faminto e cansado. Oh! meu Deus, o que farei para ajudá-lo? A situação dele se agravou mais ainda, se o pegarem não terão piedade... Oh, Gervásio, porque se meteu nesse tiroteio, quando poderia estar em liberdade daqui um ano...O que é um ano? Preciso deixar tudo arranjado, quando ele chegar... não haverá problema. Deixe-me ver... este é o quarto de hóspedes...

Há uma cama aqui... Por uns dias posso escondê-lo mas depois teremos de arranjar uma solução menos perigosa. [E AO ABRIR A OUTRA PORTA LOGO VÊ UMA FOTO A PAR COM A PORTA E AJUNTA] Uma foto de mulher. [E EXAMINA] Então eu tinha visto bem... não tenho dúvida agora. Não que a coisa tenha muita importância, mas seria mais um indivíduo para julgar esse homem... Acho que adivinho quem é essa moça. Mas queria tanto ter certeza...Sergio me dirá quem ela é. Ele a conheceu... [E CHAMANDO O GAROTO MUDO DIZ] Garoto... Faz favor de me chamar Sérgio. Diga que é caso urgente. Sérgio deve saber tudo a respeito dessa fotografia... É interessante, o cesto com a refeição, os guardanapos axadrezados, enfim tudo o que serviu para o nosso piquenique daquele dia. Evidente que foi ele quem bateu a fotografia num passeio que fez com...com...

## NISSO SERGIO ENTRA EM CENA

Sérgio — O que aconteceu? Pensei que estava mal até. Eu disse que não voltaria mais...O que deseja?

## E ASSUSTA-SE

Lúcia — Aprendi com você a ousadia. Uma vez mandei-o embora de minha casa. Hoje porém digo ao contrário. Frequente sempre minha casa...

Sérgio — Está bem, você venceu, dessa vez. Acomode-se! Deve ter um bom motivo para me chamar em seu lar.

Lúcia — Eu ia até lá se você não viesse! Preciso de uma pequena informação. [MOSTRANDO A FOTOGRAFIA] Você conhece esta moça?

Sérgio — Claro que conheço! É Wilma a professora que esteve aqui no ano passado!

Lúcia — Já imaginava, mas queria ter certeza.

Sérgio — Porque lhe interessa tanto saber?

Lúcia — Interessa-me o lugar em que a fotografia foi batida, percebe? É o mesmo ponto do campo onde você, naquele dia, me viu com Luciano. Veja as ruínas daquela construção antiga... tudo... até o cesto do nosso piquenique. Tudo aquilo ele usou com Wilma. Evidentemente, o senhor prefeito tem uma

queda pelas professoras: no ano passado Wilma, este ano eu...

Sérgio — Ainda bem que você abriu os olhos enquanto é tempo, ao passo que Wilma teve menos sorte.

Lúcia — O que quer dizer com isso?

Sérgio — Wilma sempre foi uma moça sadia, alegre, risonha... mas de repente, antes de terminarem as aulas pediu licença por motivos de saúde, e saiu daqui.

Lúcia — O que conclui disso?

Sérgio — Eu sou médico, Lúcia. E me basta olhar de relance o corpo de uma mulher, para saber se ela está ou não grávida. É isto que concluo! Luciano e Wilma estavam sempre juntos, na primavera passada. Ela não saía com outros homens.

Lúcia — Então, segundo você, foi ele que...

Sérgio — Que a estragou, como já tinha estragado a pobre Rosa.

Lúcia — Não. Isso não quero nem posso crer. Wilma não! Se fosse verdade, Luciano seria um monstro!

ELE CHEGA PERTO

Sérgio — Eu também não queria crer, mas acabei tendo de me render à evidência. Já pensou porque razão esse homem teria insistido tanto em me fazer passar por assassino?

Rosa vivia em minha casa, Rosa estava para ter um filho... e um assassino, é capaz de tudo, até mesmo de se aproveitar de uma débil mental! Ele lançava suspeitas sobre mim, para que ninguém desconfiasse dele, é claro! E esta é a verdade que eu o farei confessar, antes de matá-lo!

Lúcia — Não, Sérgio! Para que arruinar sua vida?

Sérgio — Já lhe disse que isso não me interessa.

Lúcia — E o que pensa que vai conseguir, matando-o? Não fará ressuscitar Rosa!

Sérgio — Pelo menos vingarei!

Lúcia — Sérgio, por caridade, não se destrua. Você tem uma vida inteira a sua frente, compreenda o quanto é inútil o ódio. Há tanto amor no mundo! [CHEGANDO PERTO DELE] E eu gosto de você, Sérgio. Digo-lhe isto fitando-o... [FRENTE A FRENTE COM AS MÃOS NO OMBRO DE SÉRGIO] fitando-o... nos olhos, sem corar... Amo-o, Sérgio.

Sérgio — Não vê que eu não tenho futuro? Irei parar na cadeia depois que...

Lúcia — Não fale mais em matar. Nunca mais! Aceite a minha ajuda... Entramos



em acordo. Sempre juntos... Diga-me o que espero ouvir de você...

Sérgio — Você venceu... porque eu também a amo, Lúcia.

E SE ABRAÇAM.

Lúcia — Então não vai pensar mais naquelas coisas horríveis?

Sérgio — Com sua ajuda, não pensarei mais. Obrigada Lúcia.

DANDO-LHE UM BEIJO NA TESTA SÉRGIO SAI DE CENA.

Lúcia — [A SÓS] Ele me ama também... Nós nos amamos... Oh! Sérgio...

DE REPENTE ELA SE ASSUSTA COM A INESPERADA VISITA DE LUCIANO QUE ENTRA SEM BATER

Luciano — Ainda bem que a encontro... preciso falar-lhe a sós... Esperei este abelhudo sair para esclarecer algo.

Lúcia — [À PARTE] As sós... Será que descobriu alguma coisa a respeito de Gervásio!?

Luciano — Ontem à noite recebi um telegrama do Chefatura de polícia. Fugiram três detentos do cárcere da cidade, e dois foram apanhados, mas o terceiro continua desaparecido. E suspeita-se que tenha procurado refúgio aqui.

Lúcia — Aqui, no Patrimônio?!

Luciano — Sim... e logo aqui perto da cachoeira.

Lúcia — Não é possível!

Luciano — E sei que é um seu irmão e chegará em sua casa hoje. No lugar em que ele está escondido não poderá passar de hoje. Esse rapaz vem em sua casa...

Lúcia — Não!

Luciano — Se não vem, é fácil verificarmos. Vamos até o esconderijo em que ele está? Pensa que não vi o garoto lhe entregar uma mensagem... Ainda nega?...

Lúcia — Luciano, o que deseja de mim?

Luciano — Até que enfim compreendeu que é inútil mentir. [CINICAMENTE]

Lúcia — Eu perguntei o que desejava de mim.

Luciano — Digamos primeiro o que eu posso fazer por esse rapaz. Tenho um primo que possui uma frota de petroleiros trabalhando nas linhas da ilha grande. Quase todas as semanas sai um do nosso porto.

Lúcia — E Gervásio poderia embarcar?...

Luciano — Isso depende de você!

Lúcia — Você é um patife...

Luciano — O que decide? [ELA AFASTA-SE] Perguntei o que decide. Não responde? Devo deduzir que aceita? [ELE CHEGA PERTO E ROUBA-LHE UM BEIJO NA TESTA E DEPOIS SOLTA UMA GARGALHADA] Se tem receio de que eu a engane tranquilize-se: não exijo recompensas antecipadas. Estarei imediatamente em contato com meu primo, e logo que saiba a data da partida de um petroleiro, levarei o rapaz para bordo. E ainda lhe arranjarei um passaporte falso! Só depois voltarei aqui e baterei em sua porta, mas desta vez não baterei à toa. Avise o tal Gervásio que está tudo pronto. Será questão de poucos dias. Agora, adeus.

LUCIANO SAI DE CENA. A SÓS LÚCIA FICA TRISTE DIZENDO

Lucia — Sérgio... acabou-se o nosso belo sonho... o nosso pobre sonho!... E não posso lhe contar nada... não posso pedir socorro, porque você mataria esse miserável...

NISSO SERGIO ENTRA EM CENA

Sérgio — Lúcia... preciso falar-lhe... Que houve?... você está chorando?...

Lúcia — Não estou não, Sérgio!

Sérgio — Como não, o que aconteceu?

Lúcia — Nada de especial.

Sérgio — Não, você está preocupada, ou por outra, está assustada. Alguém a assusta? Já sei quem é esse alguém. Ou seu irmão, ou o prefeito...

ASSUSTADA ELA

Lúcia — Você conhece meu irmão Gervásio?!..

Sérgio — Sim... sei que ele está aqui também. Gervásio falava muito de uma irmã que era professora, e se chamava Lúcia.

Lúcia — Quer dizer que você sabia que eu tinha um irmão preso?

Sérgio — Sim. Você se chama Lúcia, é professora, e tem o sobrenome dele... não lhe falei nada para não aborrecê-la. Gervásio me contava tudo quando eu era enfermeiro da penitenciária. É uma pena que ele se dane todo, quando poderia sair livre daqui um ano... Já conversei com ele, Gervásio contou-me tudo como foi...

Lúcia — Luciano prometeu-me que cuidaria disto, mas... mas...

NISSO SERGIO ESTRANHA COM UMA FISIONOMIA.

Sérgio — O que foi que Luciano prometeu?

Lúcia — Sérgio... eu não devia falar-lhe.

Sérgio — Agora tem de falar! Esse homem nunca faz nada por nada! O que foi que ele exigiu em troca dessa ajuda?!

Lúcia — Não, Sérgio... Morro de vergonha... Vá embora...

ENFURECIDO ELE...

Sérgio — Já sei... E seu irmão deverá pensar que ele é um homem desinteressado. Aquele canalha me paga... Há de me pagar.

**PANO**

**FIM DO 5º ATO**

**6º ATO**

EM CENA, LUCIANO

Luciano — Lucia cairá em meus braços mais fácil do que eu estava pensando.

NISSO WILMA ENTRA

Wilma — Olá, Luciano.

LUCIANO APAVORA-SE

Luciano — Wilma! Não lhe dei ordem para ficar longe daqui? O que quer mais de mim?

Wilma — Ainda pergunta?

Luciano — Já lhe dei dinheiro em quantidade!

Wilma — Sim, para que eu pagasse um médico, que se presta a fazer ignóbil comércio de sua profissão! Mas eu não sou nenhuma assassina, dei a luz a meu filho! É lindo como um anjo e parecido com você, Luciano. Pense bem: você tem um filho.

Luciano — E agora vem aqui para tirar mais dinheiro.

Wilma — Porque me fala com tanta brutalidade? Não prometeu casar comigo?

Luciano — Prometer, é fácil. Mas depois muda-se de ideia.

Wilma — Luciano! Não pode me deixar na rua com um filho para criar!

Luciano — Devia ter pensado isso antes! Era maior de idade, e sabia muito bem o que fazia!

Wilma — Eu soube que você é um infame quando era tarde demais, meu caro!

COM UM VIOLENTO TAPA DE RESPOSTA LUCIANO BATE NO ROSTO. DOMINADO PELO ÓDIO.

Wilma — Patife! Miserável.

Luciano — Suma antes que eu ponha lá fora aos pontapés!

LÚCIA CALMAMENTE TIRA UM REVÓLVER DA BOLSA E...

Wilma — Não fará isso... Nunca...

Luciano — Verás então!...

QUANDO AVANÇA...

Wilma — Afaste-se... Com o ódio que estou seria capaz de reduzi-lo a nada...

Luciano — Ficou doida é? Guarde essa pistola... Não pense que tenho medo de sua ameaça.

Wilma — Então porque treme, vou matá-lo, assim não estragará mais ninguém.

Luciano — Wilma, você enlouqueceu, não é possível.

Wilma — Homem como você nem num cárcere não lhe ficaria bem, possuí muito dinheiro e logo comprava um advogado e estaria em liberdade para estragar mais honras.

NOS OLHOS DA WILMA BRILHA O ÓDIO

Luciano — Não Wilma, não faça isso...

Wilma — Apagando-o de uma vez, voltará a paz neste lugar... [E WILMA ACIONA O GATILHO E LUCIANO TOMBA SEM VIDA GEMENDO...ARREPENDIDA, ELA] Meu Deus... O que eu fiz... Matei-o... [E CHORA]

NISSO SERGIO" ENTRA EM CENA

Sérgio — Wilma... O que você fez? Você matou o canalha?

E SEGURA O REVÓLVER DE WILMA.

Wilma — Então... não era justamente um canalha?

Sérgio — Sim, mas... você estragou sua vida...

Wilma — Que me importa... Já estava tudo arruinado mesmo. Não pararei muito tempo na prisão, tenho um filho dele.

Sérgio — E como viverá longe de seu filho?...

NISSO LÚCIA ENTRA EM CENA

Lúcia — Sérgio!?... Você o assassinou?

Sérgio — Lúcia... não diga nada por favor...

Lúcia — Você teve a coragem de assassiná-lo

Sérgio — Calma, Lúcia... não foi eu que o matei.

Lúcia — E esse revólver?..

Wilma — Foi eu quem matou Luciano...

Lúcia — Você está doida, Wilma...

Wilma — Não... fiz isso de juízo perfeito. Não me importo com mais nada agora. Luciano teve o que merecia... Dê-me o revólver, Sérgio... Eu assumo a responsabilidade.

E ESTENDE AS MÃOS

Sérgio — Não posso... poderá fazer alguma loucura.

Wilma — De me suicidar? Não tenha medo... Eu não tenho razões para morrer... Daqui vou na delegacia me entregar e explicar os fatos.

Sérgio — Vai ficar presa, foi um assassinato, sem dúvida ficará trancada por

muitos anos...

Wilma — Não se preocupem, já lhe disse que assumo todas as responsabilidades.

Sérgio — Tome-o... Sendo assim... não quero ficar metido no caso, mas antes vou esvaziar...

Wilma — Não é preciso, já está vazio... Era só uma que estava reservada para Luciano...

**E ENTREGA O REVÓLVER A WILMA. ELA GUARDA E SAI DE CENA”**

Lúcia — Pobre moça, transformou-se numa assassina, sabe-se lá por quanto tempo ficará vendo o sol nascer quadrado.

Sérgio — Querida...foi melhor assim... ELA responderá a um processo, mas creio que sua sentença não será comprida, mas mesmo assim, será horrível. Para seu irmão prometi arranjar-lhe um advogado, ele me contou direitinho como foi, acho que seu caso não vai ser difícil...

Lúcia — Você está doido... Aonde vamos arranjar dinheiro para advogado?

Sérgio — Não se preocupe... Tenho dinheiro... dinheiro nosso, entende, porque nós vamos casar...

Lúcia — Oh... Sergio, meu amor...

Sérgio — Espere, vamos sair daqui... O lugar é pouco oportuno para nos beijarmos.

Lúcia — E unirmos para toda vida.

**E DE MÃOS DADAS ELES SAEM DE CENA**

**PANO**

**FIM DA PEÇA**